

A VIRGEM ARMADA: O PROTAGONISMO BÉLICO MARIANO NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA COMPOSTAS DURANTE O REINADO DO MONARCA ALFONSO X (1252-1284)

THE ARMED VIRGIN: THE MARIAN MARTIAL PROTAGONISM IN THE CANTIGAS DE SANTA MARIA COMPOSED DURING THE REIGN OF MONARCH ALFONSO X (1252-1284)

Rafael Costa Prata¹

Resumo:

Em nossa abordagem, analisaremos como em um conjunto das cantigas marianas produzidas no reinado do monarca castelhano-leonês Alfonso X (1252-1284), se operacionaliza uma construção textual e iconográfica da Virgem Maria como uma espécie de “caudilho” espiritual dos castelhano-leoneses em meio às ofensivas militares que operavam como parte da empresa de *Reconquista*, em um processo cuja gradual execução acabou por direcionar a sua transformação em uma *Virgem Armada*. Para tal, nos utilizaremos, enquanto aporte teórico-metodológico, as abordagens oferecidas por Jean-Claude Schmitt em torno das imagens produzidas no Ocidente Medieval, e, igualmente, as reflexões fornecidas por Michael Foucault acerca dos discursos produzidos no âmago das sociedades.

Palavras-chave: Alfonso X, Cantigas de Santa Maria, Guerra.

Abstract:

In our approach, we will analyze how, in a set of Marian songs produced during the reign of the Castilian-Leonese monarch Alfonso X (1252-1284), a textual and iconographic construction of the Virgin Mary becomes operational as a kind of spiritual “leader” of the Castilian-Leonese amidst the military offensives that operated as part of the Reconquista company, in a process whose gradual execution ended up directing her transformation into an Armed Virgin. To this end, we will use, as a theoretical and methodological approach, the approaches offered by Jean-Claude Schmitt around the images produced in the Medieval West, and, equally, the reflections provided by Michael Foucault about the discourses produced in the core of societies.

Keywords: Alfonso X, Cantigas de Santa Maria, Guerra.

INTRODUÇÃO

Alfonso X, Rei de Castela-Leão (1252-1284), fora um dos monarcas mais paradigmáticos do Ocidente Medieval durante o século XIII. Caracterizado a partir do epíteto o *Sábio* por seus contemporâneos, por conta de sua vastíssima produção cultural, a qual resultou em uma gama de obras de natureza jurídica, histórica, científica, poética, artística e

¹ Mestre em História (Universidade Federal de Sergipe – PROHIS-UFS, 2016), Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Mato Grosso (PPGHIS-UFMT). Bolsista CAPES. E-mail: rafaelcostaprata@hotmail.com.

literária, este monarca guerreiro se apresentara, durante todo o seu reinado, como um profundo devoto da *Virgem Maria*.

Sua devoção se manifestara em inúmeras ocasiões e circunstâncias durante o seu reinado. Uma das medidas principais tomadas por Alfonso X à hora de orquestrar uma série de condutas militares preparatórias para efetivar a *cruzada* em direção ao *Magreb*, se referiu a transformação da região do *Alcanate* em uma base naval sob o nome de *Porto de Santa Maria* no ano 1260. Esta região se tornaria crucial “para guardar os cristãos dos mouros e ser ponto para guerrear contra os mouros da Espanha e os africanos”.²

Noutro momento, a fim de reforçar o efetivo militar nas fronteiras castelhana-andaluzas, o monarca Alfonso X criara então, em 1272, a *Orden de Santa María de España*, cuja funcionalidade seria destinada as atividades militares marítimas. Com esta criação, o monarca castelhana-leonês intencionava obter o controle marítimo do estreito de Gibraltar a fim de aniquilar qualquer possibilidade de contato e de posterior apoio dos muçulmanos do Magreb ao Sultanato *Nazarí* de Granada.

Todavia, não restam dúvidas que as maiores demonstrações da devoção alfonsina ofertada a *Virgem María* se manifestaram particularmente em um filão de suas produções culturais: as *Cantigas de Santa María*.³

Dedicam-se então, a *Santa María*, uma série de cantigas nas quais se descrevem prontamente as suas intervenções a fim de socorrer aos indivíduos que, mesmo em suas condições de pecadores, continuam a devotar uma fé mariana, assim como também aos que se arrependeram perante pecados cometidos no passado. Nesse sentido, a intervenção mariana emerge para auxiliar indivíduos oriundos de distintos segmentos sociais, sejam aqueles ladrões, assassinos, simples camponeses, ou, os mais poderosos cavaleiros e reis.

² CSM, 385: “Como Santa Maria do Porto guareceu un ome da pedrada mui grande de que nunca cuidara a guarecer, ca tiinna a tela sedada e tornou-se paralitico, e guareçé-o Santa Maria: De toda enfermidade maa e de gran ferida pode ben sãar a Virgen, que de vertud' é comprida. Est' avo en Sevilla per vertude da Raynna dos çeos, Santa Maria do Porto, u muit' aginna ygreja, u mui loada fosse, fez y na marinna pera guardar os creschãos dos mouros e ser bastida Pera guerrear or mouros d'Españ' e os afrições...” Alfonso X El Sabio (1221-1284). *Cantigas de Santa María*. Biblioteca Virtual Katharsis, 2008, p.806-807. Disponível para consulta em: http://revistaliterariakatharsis.org/Alfonso_cantigas2.pdf Acesso em 18/06/2017. Sobre o tema: GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel. *Una noble çibdat e bona: fundación y poblamiento de El Gran Puerto de Santa María* por Alfonso X El Sabio, *Alcanate. Revista de Estudios Alfonsíes*, v.1, El Puerto de Santa María, 1999, p.19-28.

³ Utilizaremos a sigla CSM, seguida do respectivo número de localização da mesma, para nos referirmos a *Cantiga de Santa María* em análise. Cabe-nos mencionar também que, a fim de facilitar a compreensão de seus conteúdos, trataremos de traduzir as cantigas analisadas, respeitando o significado de suas palavras e expressões, e, em seguida, evidenciaremos os seus conteúdos de forma prosificada no decorrer desta abordagem.

Com a composição deste gênero particular de cantigas,⁴ o monarca castelhano-leonês Alfonso X intencionava seguramente “louvar Maria, constituindo-a como trovadora da dama celestial, cantando seus feitos milagrosos e exaltando seus títulos de saúde dos enfermos, advogada dos frágeis, refúgio dos pecadores, auxílio dos cristãos, etc”.⁵

Estas Cantigas *de Santa María* são iniciadas a partir da descrição do lugar e do indivíduo ou dos indivíduos que irão sofrer a ação milagrosa da *Santa María*, edificando assim, muitas vezes, cenários profundamente pecaminosos, situações irreversíveis de extremo perigo, etc. Na maioria das vezes, tais indivíduos, apesar de descritos como inveterados pecadores, são apresentados como fiéis devotos a *María*, sendo este pertencimento precisamente o instrumento que lhes garantirá a salvação e/ou a remediação dos perigos em que se encontram.

Em um segundo momento, descreve-se o momento de ruptura deste cenário conturbado inicialmente apresentado. Apresentam-se então os eventos e as motivações que justificariam a entrada milagrosa da *Santa María* como protagonista na resolução dos conflitos em vigência. Na penúltima etapa destas cantigas, narra-se precisamente a participação mariana, procurando se destacar a natureza dos milagres efetuados pela *Virgem* mediante a sua extrema bondade e piedade. Ao término das cantigas, se apresenta as consequências do protagonismo mariano para os indivíduos agraciados por seus milagres, se evidenciando, quase sempre, a mudança drástica de vida destes indivíduos e/ou a alteração de cenários outrora profundamente conturbados.

Em uma gama de *cantigas* ambientadas precisamente em cenário bélico, podemos observar assim a emergência da *Santa María* como uma espécie de “caudilho” espiritual dos castelhano-leoneses em meio às ofensivas militares que operavam como parte do processo de *Reconquista*.⁶ Não são poucos os exemplos que poderíamos oferecer nesse sentido, nos quais

⁴ A produção trovadoresca alfonsina pode ser dividida entre as cantigas de caráter profano e as de caráter religioso. Entre as primeiras, encontramos as *cantigas de escárnio e de maldizer*, as *cantigas de amor*, as *cantigas de desengano* e as *cantigas eróticas*. As *Cantigas de Santa María* engendram precisamente as cantigas de caráter religioso.

⁵ “Alabar a *María*, constituyéndose en trovador de la dama celestial, cantando sus hechos milagrosos y exaltando sus títulos de Salud de los enfermos, Abogada de los débiles, Refugio de los pecadores, Auxilio de los cristianos, etc”. ALFONSO EL SABIO. **Cantigas**. (ed.) Jesús Montoya. Cuarta Edición. Madrid: Ediciones Cátedra, 2008, p. 2008, p.38.

⁶ Conceito de difícil caracterização, o termo *Reconquista* tem sido reiteradamente discutido por uma Historiografia que tem procurado não somente determinar uma terminologia que abarque com mais precisão as características do período em questão. A despeito de todas as querelas, compreenderemos a Reconquista como “a un proceso clave en la Edad Media peninsular, como fue la expansión militar a costa del Islam occidental, que

podemos atestar o protagonismo mariano na resolução dos conflitos militares em que se encontravam envolvidos os castelhano-leoneses.

Nestas *cantigas de guerra*, a *Virgem Maria* “cumpre a função de defensora da Cristandade contra o herege invasor, tanto no Oriente próximo como na Espanha”.⁷ Ao acorrer em defesa de seus devotos, a *Santa María* se converte então na *Virgem Armada* ao ser descrita “atuando” militarmente em distintos cenários bélicos, como em cercos e assédios realizados por hostes muçulmanas, em ofensivas militares orquestradas pelos castelhano-leoneses em territórios muçulmanos, em batalhas campais, etc, nos quais a *Santa María*, em seu infalível e decisivo protagonismo, acaba por decidir em favor de seus beneficiários.

Como se apresenta inviável a análise de todas as *cantigas de guerra*, trataremos de problematizar duas destas cantigas a fim de observarmos como se opera a construção deste protagonismo mariano nos conflitos militares descritos nas *Cantigas de Santa Maria*. Para tal, selecionamos então as Cantigas 181 e 185, respectivamente intituladas *Esta é como Aboíuça foi desbaratado en Marrócos pela sina de Santa María e Como Santa María amparou o castélo que chaman Chincoia dos mouros que o querían filar*.

Para tal, nos utilizaremos habitualmente do aporte teórico-metodológico fornecido pelas abordagens orquestradas pelo medievalista Jean-Claude Schmitt em torno das imagens produzidas no Ocidente Medieval, e, igualmente, das reflexões fornecidas pelo filósofo Michael Foucault acerca dos *discursos*⁸ produzidos no âmago das sociedades, para compreendermos tanto as mensagens e os simbolismos contidos nas iconografias como também as mensagens que permeavam os versos das *Cantigas de Santa Maria*.

Tendo-se em conta que “todas as imagens, em todo caso, têm sua razão de ser, exprimem e comunicam sentidos, estão carregadas de valores simbólicos, cumprem funções

estuvo revestido e impulsado por una ideología militante basada en los principios de guerra santa y de guerra justa, y que además tuvo una incidencia decisiva en la conformación de unas sociedades de frontera.” In: GARCÍA FITZ, Francisco. La Reconquista: un estado de la cuestión. *Clio & Crimen*, Revista del Centro de História del Crimen de Durango, n.6, 2009, p.142-215, p.201.

⁷ “Cumple la función de defensora de la cristiandad contra el hereje invasor, tanto en el Oriente cercano como en España”. CORTI, Francisco. La Guerra en Andalucía: aproximación a la retórica visual de las “Cantigas de Santa María” IN: MONTROYA MARTÍNEZ, J.; DOMÍNGUEZ RODRÍGUEZ, A. *El scriptorium alfonsí: de los libros de astrología a las Cantigas de Santa María*. Madrid: Complutense, 1999, p.312.

⁸ Foucault define o discurso e as suas respectivas práticas discursivas enquanto “Um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa”. FOUCAULT, A *arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1986, p.43.

religiosas, políticas ou ideológicas”⁹ e que toda sociedade produz discursos através de um certo “número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”,¹⁰ efeturemos uma análise dos versos e das imagens que, de maneira complementar, se apresentam enquanto discursos textuais e iconográficos das *Cantigas de Santa Maria*.

A PROMOÇÃO E O PAPEL DA VIRGEM MARIA NO CAMPO DO SAGRADO

O medievalista Jacques Le Goff ao ser indagado, em sua obra *O Deus da Idade Média*, pelo historiador e jornalista Jean-Luc Pouthier acerca da importância gradativamente conquistada pelo *Espírito Santo* e pela *Angelologia* no ideário cristão a partir dos últimos séculos da Idade Média, tratou de respondê-lo, trazendo a tona a problematização de uma característica que teria marcado a natureza devocional cristã a partir desse momento: a “especialização”.

Segundo este, a partir dos últimos séculos do Medievo, “muito rapidamente, o mundo cristão se organiza ao mesmo tempo seguindo uma crença universal e segundo uma devoção particular”.¹¹ Na medida em que Deus se torna uma divindade cada vez mais tida como misericordiosa, protetora, tanto o *Espírito Santo* como os *anjos* passam a nutrir uma funcionalidade destacada no plano das ações divinas.

Entretanto, outra personagem acaba angariando ainda mais protagonismo a partir deste momento: a Virgem Maria. A promoção da Virgem Maria passa a gradualmente se operar de tal maneira que esta passa a figurar como uma espécie de quarto elemento devocional, transformando assim a característica *Trindade* – formada por Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo – em uma quadripartite divina.

Esta “especialização” devocional gerada nos últimos séculos da Idade Média, responsável pela emergência destes *instrumentos* divinos no campo do *Sagrado*, como os Anjos e a Virgem Maria, deve ser interpretada como uma “resposta” a uma série de questões naturalmente entabuladas pela paisagem social, política, militar, econômica, etc, característica desses últimos séculos do Medievo.

⁹ SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média**. Tradução de José Rivair Macedo. Bauru-SP: Edusc, 2007, p.11.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p.8-9.

¹¹ LE GOFF, Jacques. **O Deus da Idade Média. Conversas com Jean-Luc Pouthier**. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.56.

Em suma, “à medida que as necessidades se intensificam na sociedade, que as reivindicações se multiplicam, os homens e as mulheres têm necessidade de uma extensão, de uma diversificação das manifestações de Deus”.¹² Foi, portanto, por causa de uma cada vez maior necessidade de responder as necessidades de proteção desta sociedade medieval, que estes *instrumentos* angariaram cada vez mais importância no campo do *Sagrado*.

O quadro de extrema insegurança social, econômica, política, militar, etc, que caracterizava as sociedades medievais nos últimos séculos da Idade Média, acabou gestando a construção de um novo panorama relativo ao *Sagrado*, no qual podemos constatar que “os homens e as mulheres se [tornam] cada vez mais sensíveis ao Deus sofredor, ao Cristo da Paixão. E, ao mesmo tempo, [procuram] uma proteção. Daí o desenvolvimento do papel do Espírito Santo e a promoção da Virgem”.¹³

De fato, a emergência da figura mariana nos últimos séculos da Idade Média seguramente nos ajuda a problematizar a atuação do *Sagrado* nas relações travadas entre os indivíduos e as divindades. Não foram poucos os estudiosos que procuraram formular uma *Teoria do Sagrado* a fim de explicar estas questões supracitadas.

Rust, ao problematizar a *Teoria do Sagrado* proposta pelo sociólogo Emile Durkheim, chegou à conclusão de que:

O sagrado provém da interação social. É um modo singular de edificar posicionamentos em meio ao inesgotável fluxo de desafios produzidos pelas relações coletivas (...) o sagrado emerge da busca ou expectativa pela resposta social eficaz.¹⁴

Assim como Le Goff, Rust observa também que o *Sagrado* se apresenta como um mecanismo que atua de acordo com os “desafios” provocados pelas relações coletivas, pelas necessidades impostas por uma dada sociedade. Ao analisar o conceito de *mana* empregado por Durkheim, em empréstimo a Hubert e Mauss, Rust aprofunda ainda mais a questão, passando então a conceber o *Sagrado* como uma:

Participação simbólica exigente, aquela movida para encontrar a prática mais forte, capaz de restaurar a unidade que se vive como perdida, ameaçada ou cindida. Esta participação pode ser exclusivamente simbólica, mas a eficácia almejada deve produzir resultados necessariamente sociais. O sagrado não é estático, inato ou definitivo, uma vez que deriva da busca por referenciais

¹² Ibidem, p.57.

¹³ Ibidem, p.58.

¹⁴ RUST, Leandro Duarte. **A Reforma Papal (1050-1150): trajetórias e críticas de uma história**. Cuiabá: EdUFMT, 2013, p.103.

simbólicos plenos, que proporcionem experiências de segurança em face das tensões e dos riscos impostos pela sociedade.¹⁵

Mais uma vez se observa que o *Sagrado* apresenta como característica basilar o *mínus* de atuar para garantir ou para restaurar o equilíbrio perdido, respondendo assim, de maneira flexível, as necessidades de proteção das sociedades frente às tensões e os conflitos emergentes em um dado momento histórico. Como bem destaca Rust, “existindo no tempo, a realidade social muda sem cessar; as mudanças trazem novos riscos e tensões; inéditas, as instabilidades exigem do sagrado outras respostas”.¹⁶

Por portar esta funcionalidade, o *Sagrado* acaba então por “estimular a conduta humana de maneira drástica, como se a eletrificasse. Por meio da busca ou do termo da eficácia última, o sagrado é experimentado como força decisiva, uma descarga de pavor e veneração”.¹⁷

Os indivíduos experimentam assim o *Sagrado* como um mecanismo estimulante as suas ações cuja eficácia se compreende como infalível. É por isso que “é do sagrado, com efeito, que o crente espera todo o socorro e todo o êxito. Sob a sua forma elementar, o sagrado representa, acima de tudo, uma energia perigosa, incompreensível, arduamente manejável, eminentemente eficaz”.¹⁸ A atuação do *Sagrado* depende, portanto, precisamente do:

Engajamento dos homens no empirismo social, entendido simplesmente como a busca por respostas práticas – ainda que enunciadas pelo simbolismo de origens fabulosas e misteriosamente inacessíveis. A eclosão do sagrado aparentemente pressupõe o impulso para – ou tão só a acolhida de – um desejo de chegar a resultados efetivos para a vida social em meio às pressões e ambivalências da realidade.¹⁹

Com todos estes pressupostos em mente em torno da promoção da figura mariana nos últimos séculos da Idade Média e igualmente do campo do *Sagrado*, seguramente se tornará possível compreender como os intelectuais das *scriptorias* alfonsinas edificaram nessas *cantigas de guerra* que analisaremos, e nas demais que engendram todo o quadro, uma paisagem político-militar na qual a *Santa María* se configuraria como uma espécie de “caudilho” espiritual profundamente atuante e rigorosamente eficaz nas ações militares castelhana-leonesas.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ibidem, p.103-104.

¹⁷ Ibidem, p.104.

¹⁸ CALLOIS apud RUST, op.cit, p.104.

¹⁹ GIRARD apud RUST, op.cit, p.105.

A CSM 181: SOBRE COMO ABOYUÇAF FOI DERROTADO NO MARROCOS PELO ESTANDARTE DE SANTA MARÍA

Nesta *cantiga de guerra*, descreve-se a participação mariana em um conflito militar ocorrido no Marrocos entre 1261-1262 no qual participaram o caudilho muçulmano Abu Yusuf e o rei do Marrocos, Umar al-Murtadã. O conteúdo desta cantiga se revela prontamente surpreendente, pois, evidencia a participação da *Santa María* em assuntos político-militares encabeçados por lideranças muçulmanas.

Como explicar então esta “intromissão” mariana nos assuntos relativos à esfera político-militar muçulmana? Para chegarmos a(s) resposta(s) para esta inquietante questão, passemos então a analisar minuciosamente o conteúdo dos versos que compõem essa cantiga.

O trovador inicia a cantiga antecipando aos ouvintes o resultado do que seria cantado, em suma, que “ainda que fosse aquela gente de outra lei e descrente”, a *Santa María* não hesitou em ajudá-los, de maneira que tratou de operar um “belo milagre” em favor de um dos lados contendentes, no decorrer daqueles acontecimentos militares ocorridos no Marrocos.²⁰

Após a execução deste *prólogo*, descreve-se então a natureza do conflito militar no qual a *Santa María* tão logo se envolveria:

Na cidade de Marrocos, que é muito grande e bonita, há um rei que por então era seu senhor, que insegura guerra sustentava contra outro rei, pelo qual necessitava de grande ajuda de quem lhes desse; pois, enquanto cercado estava dentro do Marrocos, o outro havia passado através de um grande rio, que se denominava Morabe, com muitos cavaleiros e muita gente a pé. E pilhavam pelas portas da vila e o quanto encontravam que estava fora dos muros, tudo o roubavam. E por isto os do Marrocos, deram ao rei este conselho: que saísse da cidade com boa gente escolhida de armas.²¹

As motivações para a intervenção mariana no andamento deste conflito entabulado por dirigentes muçulmanos no Marrocos passam a ser apresentados a partir do vigésimo verso da

²⁰ CSM, 181: “Esta é como Aboyuçaf foy desbaratado en Marrocos pela sina de Santa Maria: “Pero que seja a gente d' outra lei [e] descreuda, / os que a Virgen mais aman, a esses ela ajuda. / Fremoso miragre desto fez a Virgen groriosa...” ALFONSO EL SABIO. *Cantigas*. (ed.) Jesús Montoya. Cuarta Edición. Madrid: Ediciones Cátedra, 2008, p. 2008, p.223.

²¹ CSM, 181, Esta é como Aboyuçaf foy desbaratado en Marrocos pela sina de Santa Maria: “...na cidade de Marrocos, que é mui grand' e fremosa, a un rei que era ende sennor, que perigosa guerra con outro avia, per que gran mester ajuda Pero que seja a gente d' outra lei e descreuda... Avia de quen lla dêsse; ca assi com' el cercado jazia dentr' en Marrocos, ca o outro ja passado era per un gran[de] rio que Morabe é chamado con muitos de cavaleiros e mui gran gente miuda. Pero que seja a gente d' outra lei e descreuda. E corrian pelas portas da vila, e quant' achavan que fosse fora dos muros, todo per força fillavan. E porend' os de Marrocos al Rei tal consello davan que saisse da cidade con bõa gent' esleuda D' armas...” Ibidem, p.223-225.

cantiga. O trovador continua então o seu *cantar* ratificando que os habitantes daquela localidade também aconselharam a que:

Imediatamente apresentasse batalha ao outro rei e depois de estar fora da vila, [que] mandasse sacar o estandarte da Virgem Santa Maria, e que por nada duvidasse que os venceria imediatamente depois que o tivesse alçado. Ademais, que fizesse sair à comunidade cristã com as cruzes da Igreja. E ele efetuou o aconselhado. E depois que o estandarte foi sacado daquela que é o espelho dos anjos e dos santos, e foi visto pelos mouros que estavam do outro lado, colheram estes tão espanto que, apesar de seu grande poderio, todos se deram por vencidos, e as tendas que haviam trazido, e tudo o demais perderam, e morreu ali muita daquela gente feia e barbuda. E atravessaram o Morabe, os que antes haviam passado, e apesar de que haviam perdido tudo o que haviam trazido, tão grande medo tiveram do estandarte e das cruzes tiveram, que fugindo nenhum levou as tendas.²²

A construção e o ordenamento dos fatos demonstram plenamente o protagonismo mariano neste conflito militar ocorrido no Marrocos. Os primeiros dezenove versos são destinados a apresentarem a delicadíssima situação vivenciada pelo sultão do Marrocos, Umar al-Murtadã. Revela-se que o seu sultanato se encontrava em um cenário de *cerco* ou *assedio* militar efetuado precisamente por aqueles muitos cavaleiros e indivíduos a pé – a *infantaria* – que transladaram o *Morabe* liderados pelo caudilho muçulmano Abu Yusuf.

A partir do vigésimo verso se descreve então a entrada gloriosa da *Santa María* nesse conflito militar, e por conseguinte, a resolução milagrosa operada por esta, como prometido no primeiros versos desta *cantiga de guerra*. A Santa María não atua em carne e osso, mas, o seu poderio ao ser encarnado materialmente no estandarte e nas cruzes carregadas pelos muçulmanos e pelos *moçárabes* cristãos, a direciona a atuar como uma espécie de “caudilho” espiritual no plano *sagrado*, onde a infalibilidade garante que se tenha plenamente a certeza de que “os venceria imediatamente depois que o tivesse alçado [o estandarte]”.

Este caráter infalível da participação mariana na resolução de assuntos temporais é apresentado como um instrumento do *Sagrado* que, sem o qual, seguramente os indivíduos

²² CSM, 181, Esta é como Aboyuçaf foy desbaratado en Marrocos pela sina de Santa Maria: “...e que manteneute cono outro rei lidasse / e logo fora da vila a sina sacar mandasse / da Virgen Santa Maria, e que per ren non dultasse / que os logo non vencesse, pois la ouvesse tenduda;/ Pero que seja a gente d' outra lei e descreuda.../ Demais, que sair fezesse dos crischãos o concello / conas cruces da eigreja. E el creeu seu consello; / e poi-la sina sacaron daquela que é espello / dos angeos e dos santos, e dos mouros foi viuda./ Pero que seja a gente d' outra lei e descreuda.../ Que eran da outra parte, atal espant' en colleron / que, pero gran poder era, logo todos se venceron,/ e as tendas que trouxeran e o al todo perderon,/ e morreu y muita gente dessa fea e barvuda./ Pero que seja a gente d' outra lei e descreuda.../ E per Morabe passaron que ante passad' ouveran,/ e sen que perdud' avian todo quant' ali trouxeran,/ atan gran medo da sina e das cruces y preseran,/ que fogindo non avia niun reda tuda./ Pero que seja a gente d' outra lei e descreuda...” Ibidem, p.225.

não tomariam tais atitudes. No plano da *racionalidade*,²³ as lideranças e os homens de guerra da Idade Média compreendiam muito bem que o súbito abandono do refúgio oferecido pelas fortificações, quando se encontravam em uma situação de reconhecida inferioridade numérica em relação aos inimigos, se apresentava como uma conduta militar e estratégica profundamente desastrosa.

De igual maneira, reconhecia-se que a realização de *batalhas campais* se assumia também como um grande risco, devendo figurar como uma última opção no quadro das condutas militares. Este conhecimento explica porque as *batalhas campais* foram de ordem rara no Medievo quando comparadas as outras épocas.

Tal raridade das *batalhas campais* emerge justamente da compreensão nutrida pelos dirigentes militares medievais dos enormes riscos iminentes que corriam durante a execução de uma *batalha campal*, como o vislumbre de uma possível derrota estrondosa e a sempre indesejada dissolução de suas *hostes* em campo de batalha, entre outras questões. Ademais, sabedores como eram do sentidos inerentes às condutas militares no plano da *Tática* e da *Estratégia*, os dirigentes militares medievais compreendiam que a realização de uma batalha campal na grande maioria das vezes não acarretava a conquista de um ponto fortificado, o objetivo fundador das empresas militares medievais.

Em outras palavras, a efetividade de uma *estratégia de aproximação direta*, como se assumiam as *batalhas campais*, não apresentava eficácia dentro de uma conjuntura militar que primava pela execução dos mecanismos indiretos, em suma, pela operacionalização de ações de *desgastes* e *assédios*. Desta forma, a realização de um enfrentamento em campo aberto “não se apresentava como uma estratégia perseguida, mas, sim como um choque que surgia como consequência de outras estratégias mais amplas, como o cerco e a cavalgada”.²⁴

²³ Empregamos o termo “racionalidade” conforme o significado conferido por Rust em suas abordagens historiográficas. Em suma, como um procedimento que se encontra inteiramente conectado “a praticidade e outras atribuições típicas do agir planejado dos homens”. RUST, Leandro Duarte. Jacques Le Goff e as representações do Tempo na Idade Média. **Fênix. Revista de História e Estudos Culturais**. Vol 5. N.2, 2008, p.18. Disponível para consulta em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF15/Artigo_11_ABRIL-MAIO-JUNHO_2008_Leandro_Duarte_Rust.pdf. Último acesso: 26 de fevereiro de 2018. O termo “racionalidade” também fora problematizado e empregado por Rust, com o propósito de se referir a esta conduta pragmática, organizada e prática que norteava as ações dos agentes histórico medievais, em: _____ “**Colunas Vivas de São Pedro**”: concílios, temporalidades e reforma na história institucional do Papado Medieval (1046-1215). Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2010, 531f.

²⁴ “...No se presentaba como una estrategia perseguida, sino como un choque que surgia como consecuencia de otras estrategias más amplias, como el cerco o la cabalgada”. GARCÍA FITZ, Francisco. **Castilla y León frente**

Retornemos a um ponto em específico. Em certa passagem da cantiga, o trovador descreve que enquanto o sultão, Umar al-Murtadã, se encontrava “dentro do Marrocos, o outro havia passado através de um grande rio, que se denominava Morabe, com muitos cavaleiros e muita gente a pé. E pilhavam pelas portas da vila e o quanto encontravam que estava fora dos muros, tudo o roubavam”. Na prática, esta descrição caracteriza justamente a execução das chamadas *cavalgadas* ou *algaras*, os mecanismos militares de *desgastes* mais utilizados pelos dirigentes militares medievais.

Tais mecanismos se apresentavam como as condutas militares mais corriqueiras do *fazer a guerra* medieval. Tratava-se de operações militares que, ao devastarem os territórios inimigos, acarretando a queima de campos de plantações, roubo de colheitas, aprisionamento de gado e de pessoas, visavam debilitar progressivamente e sistematicamente as condições materiais, econômicas, militares, morais, etc, do inimigo em questão, tendo em vista algo maior a ser obtido à frente, a conquista do ponto fortificado.

Ao narrar a efetuação destes mecanismos de *desgastes* por parte do caudilho muçulmano Abu Yusuf, a cantiga em questão, entretanto, não nos revela até que ponto estas ocorrências se sucederam, a fim de inferirmos a capacidade de destruição provocada pelas mesmas no território marroquino. É provável até que os muçulmanos do Marrocos não se encontrassem em tamanha situação de calamidade, visto que nutriam uma considerável força militar composta, inclusive, pelas milícias cristãs, de maneira que as perspectivas diante de um confronto em cenário aberto podiam até se mostrar satisfatórias.

Entretanto, queremos atentar para outro plano que não este da *racionalidade*. Se levarmos em consideração que as *Cantigas de Santa Maria* são construídas de modo a louvar e a glorificar as ações marianas como condutas que seguramente se encaminham a inevitavelmente salvar os indivíduos, por meio do vislumbre de surpreendentes milagres, de situações aparentemente irreversíveis, é possível que, ao menos no âmbito narrativo desta *cantiga de guerra*, a situação dos muçulmanos do Marrocos deve ser encarada como bastante complicada, de modo a se produzir assim uma significativa redução das suas chances de êxito a fim de que se potencialize, por conseguinte, o protagonismo mariano na resolução deste conflito militar.

al Islam: Estrategias de Expansión y tácticas militares (siglo XI-XIII). Sevilla: Universidad de Sevilla, 2005, p.290.

A *Santa María* emerge assim neste cenário militar como uma espécie de “arma” infalível, cuja posse potencializa radicalmente as chances de êxito na empreitada militar aos limites da infabilidade, desde que, em uma comunhão com a *racionalidade*, os agentes militares acaudilhados pela *Virgem Armada* também não negligenciassem o bom manejo da *arte da guerra*, efetuando uma eficaz organização de suas *hostes* como fora indicado no momento anterior à intervenção mariana, ao se aconselhar, primeiramente, que se saísse com “boa gente escolhida”, ou seja, com uma seleta milícia armada, para, *a posteriore*, se indicar a aquisição do instrumento do *Sagrado* que selaria infalivelmente a vitória, o estandarte mariano.

A entrada da *Santa María* nesse conflito militar elimina assim quaisquer chances de derrota que naturalmente se nutriria num cenário de *batalha campal*, pois, recordemos, os indivíduos aconselham ao sultão marroquino que aquele não “duvidasse que os venceria imediatamente depois que o tivesse alçado [o estandarte]”. Bastava seguir as indicações e atuar da maneira correta, unindo-se o Profano ao *Sagrado*: manejando corretamente a profana *arte da guerra* e se utilizando da infalível e, portanto, *sagrada* participação mariana, a vitória estaria mais do que garantida.

Conforme destacara Foucault, um discurso deve ser contemplado a partir de seu emaranhado de signos, os quais se conectam prontamente a outros tantos discursos existentes, mantendo e reproduzindo então os imaginários e as práticas sociais de determinada sociedade. O discurso produzido, não deveria ser, portanto, compreendido como uma concatenação ingênua de palavras, mas, sim, como um efetivo mecanismo de manutenção, perpetuação e reprodução de práticas e imaginários sócio-políticos e militares reiterados como basilares por um hegemônico segmento em específico.

As sociedades, por conseguinte, se utilizam então de uma gama de estratégias específicas para a manutenção e a reprodução dos seus discursos, transformando-as então, prontamente, em uma verdade aceita no âmago das sociedades. Para Foucault, estas estratagemas devem ser identificadas prontamente “em nosso sistema de cultura: são os textos religiosos ou jurídicos, são também esses textos curiosos, quando se considera o seu estatuto, e que chamamos de literários”; em certa medida textos científicos”.²⁵

²⁵ FOUCAULT, op.cit, p.21.

Ora, as estratégias discursivas utilizadas em meio aos versos desta cantiga se utilizam então de temáticas, conceitos e palavras basilares dentro dos imaginários sócio-políticos medievais, como a guerra, a sacralidade, o convívio com os muçulmanos, recriando então um discurso que atende, responde e reproduz não somente imaginários mas, como também, uma gama de práticas sociais que encontram uma perfeita consonância com as constantes guerras travadas em meio ao processo de *Reconquista*.

Ditas estas questões, passemos agora para a análise do quadro das possíveis motivações marianas a hora de conferir a sua ajuda a um lado litigante neste conflito militar. Ora, parece-nos que a intervenção mariana neste conflito militar encabeçado por duas lideranças muçulmanas em uma região do Norte da África, o Marrocos, tão distante, portanto, do Reino Castelhana-Leonês, se justifica mediante uma questão crucial revelada em seus versos: a existência de uma comunidade de cristãos – *crischãos* - procedentes do reino castelhana-leonês naquela localidade específica do *Magreb*.

A existência desta peculiar comunidade *moçárabe*²⁶ no Marrocos se deve ao fato de que, na segunda metade do século XIII:

Os sultões do Marrocos tinham milícias especiais formadas por soldados cristãos e a estes se concedia o direito de praticar livremente sua religião e, em consequência, tinham suas capelas e, ainda, igrejas, para que, em ocasiões, pudessem tocar as campanhas. Nesta ocasião, não somente atuaram como comunidade cristã presididas de cruces estandartes, mas como verdadeira milícia e não somente apoiando a um bando, mas como também o outro (...) [pois] os reinos de Tremecen e Tunísia sabiam recrutar estas milícias no reino de Aragão, enquanto que os sultões do Marrocos sabiam se abastecer de milícias provenientes de Castela e Leão.²⁷

A *Santa María* se convertera assim em *Virgem Armada* para, nesta ocasião, seguramente proteger a vida daqueles indivíduos que, ainda que se encontrassem a serviço de muçulmanos, continuavam sendo cristãos, haja vista que professavam a sua fé, como *moçárabes*, nas Igrejas que construíram em tais localidades muçulmanas. Há de se pensar

²⁶ Do árabe *mustarib*, o qual significa “arabizado”, o termo em questão caracteriza aos indivíduos e/ou comunidades de cristãos que residiam em localidades muçulmanas, mantendo nestas localidades, o direito de culto cristão e participando como milícias armadas nas campanhas militares muçulmanas.

²⁷ “Los sultanes de Marruecos tenían milicias especiales formadas por soldados cristianos y a estos se les reconocía el derecho a practicar libremente su religión y, en consecuencia, tenían su capellanes y, aún, iglesias, las que, en ocasiones pudieron tocar las campanas. En esta ocasión, no sólo actuaron como comunidad cristiana presididas de sus cruces y estandartes, sino también como verdadera milicia y no sólo apoyando a un bando, sino también al otro, pues como documenta Alemany los reinos de Tremecen y de Túnez solían reclutar estas milicias en el reino de Aragón, mientras que los sultanes de Marruecos solían abastecerse de milicias procedentes de Castilla y de León”. MONTROYA, Jesus. El frustrado cerco de Marrakech (1261-1262). **Cuadernos de estudios medievales y ciencias y técnicas historiográficas**, N.º. 8-9, 1983, p. 183-192, p.185.

também até que ponto a expressão “E por onde os de Marrocos” não esconda uma possível participação de indivíduos cristãos no aconselhamento efetuado frente ao estandarte e a saída das milícias cristãs em combate.



Figura 1 Um quadro da iluminura da cantiga da guerra, CSM 181, em questão.²⁸

Na iluminura acima, a qual ilustrava o conteúdo escrito da *cantiga de guerra*, podemos vislumbrar com perfeição a reprodução do momento descrito em que ocorre a conjunção entre as milícias cristãs, à esquerda, e as hostes muçulmanas, à direita, para o enfrentamento em campo aberto. Em destaque na imagem, evidentemente figura a principal “arma de guerra” levada para a batalha campal, o grandioso e avermelhado estandarte mariano, sem o qual esta coalizão militar seguramente não conseguiria a vitória no enfrentamento militar travado frente às hostes muçulmanas do caudilho andaluz Abu Yusuf.

Conforme Schmitt, no âmago das imagens produzidas durante a Idade Média se encontrava a percepção de que:

As formas figurativas e as cores são, antes de tudo, concebidas como indícios de realidades invisíveis que transcendem as possibilidades do olhar. As imagens não saberiam "representar" - no sentido habitual do termo - essas realidades. Poderiam no máximo tentar "torná-las presentes", "presentificá-las"; A imagem medieval pode, desse modo, ser comparada a uma aparição, a uma epifania, portando as marcas desta.²⁹

A análise iconográfica desta iluminura, decerto, nos revela outras questões bastante significativas. Além de portarem o avermelhado e grandioso estandarte mariano, as tropas cristãs levam consigo escudos, bandeiras e os cavalos devidamente trajados, com a estampa

²⁸ Extraído do site: (http://cantigas.webcindario.com/cantigas/cantiga181/cantiga181_004.htm)

²⁹ SCHMITT, op.cit, p.14.

de duas caldeiras de ouro de natureza *gringolada*, ou seja, cujas asas possuem o formato de serpentes.

Como bem destacara Argot de Molina, não restam dúvidas que “as armas das caldeiras eram próprias destes reinos (Castela e Leão) (...) [pois] usaram elas, as linhagens dos Lara, Pacheco, Aza, Daza, Fuentealmexir, Herrera, Biédma e outras”.³⁰

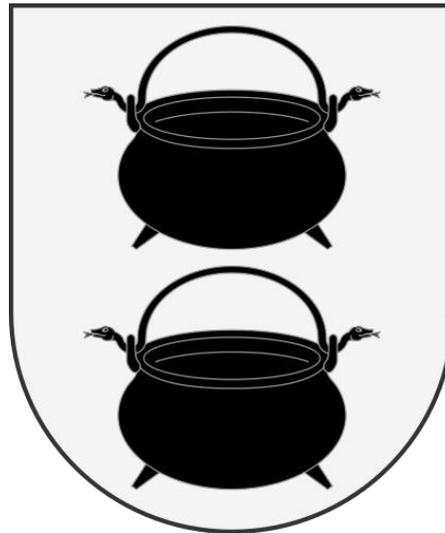


Figura 2 O Emblema da Casa dos Lara: Duas caldeiras com asas de serpente.³¹

Desprendemos destas considerações em torno deste emblema, que aquelas milícias cristãs que se encontravam residindo no Marrocos e atuando em favor do emir Umar al-Murtadã, seguramente eram provenientes de algum dos mais importantes clãs aristocráticos castelhano-leoneses. Esta participação de séquitos pertencentes às famílias aristocráticas castelhano-leonesas nas hostes muçulmanas certamente nos evidencia como a natureza das relações político-militares travadas entre os castelhano-leoneses e os muçulmanos ultrapassava os limites impostos por uma conjuntura inicial de antagonismo, superando assim, em muitos momentos, o quadro de hostilidades para se converter em benéficas relações de vassalagem.

Para nós, outro quesito deve ser apontado também como explicação para essa ajuda oferecida pela *Santa María* aos muçulmanos do Marrocos, posto que esta efetivamente não se

³⁰ “Las armas de las calderas sean propias de estos reinos (Castilla y León) es cosa sin duda, pues usaron de ellas los linajes de Lara, Pacheco, Aza, Daza, Fuentealmexir, Herrera, Biédma y otros”. ARGOT DE MOLINA, Gonzalo. **Nobleza de Andalucía**. Nueva edición ilustrada con unos quinientos grabados intercalados en el texto; corregida, anotada y precedida de un discurso crítico del Señor Doctor don Manuel Muñoz y Garnica, canónigo lectoral de la Santa Iglesia de Jaén. Jaén: Est. Tip. De D. Francisco Lopez Vizcaino, 1866, p.339.

³¹ Extraído do site: (<http://dibujoheraldico.blogspot.com.br/2016/05/calderas-y-sierpes.html>)

reduzira apenas a comunidade cristã, tendo-se em conta que esta se encontrava inserida numa relação de vassalagem com o sultanato do Marrocos: o discurso construído nas *cantigas* em torno de uma ideia de respeito nutrido pelos muçulmanos frente a *Santa María*.

O cotejo com as informações fornecidas por outras *cantigas* podem nos ajudar a problematizar esta questão. Vejamos, por exemplo, os conteúdos dispostos particularmente em duas outras *cantigas*, a 329 a 185; na primeira em questão, o trovador finaliza a cantiga afirmando que “ainda que os mouros não temam a nossa fé, tudo isto da Virgem Maria compreendem como grande verdade”. Ainda nesta cantiga, o trovador apresenta a justificativa para este respeito nutrido pelos muçulmanos frente à Maria: assim devia ser, pois, foi como “deu-lhes por escrito Maomé no *Alcorão*”.³² Na segunda cantiga, o trovador menciona que “ter-me-ia como tolo, se fosse contra Maria”, reconhecendo assim o extraordinário poderio mariano e o subsequente perigo militar acarretado ao se decidir encará-la em situação de combate.³³

A *Virgem Armada* acorrera para ajudar, primeiramente, aos cristãos *moçárabes* que residiam no Marrocos. De outro modo, também não hesitara em, por consequência, beneficiar aos muçulmanos que se apresentavam como mais “próximos”, posto que aqueles haviam permitido a construção de Igrejas em sua glória e respeitavam profundamente a sua imagem. Esta personagem integrante da *ordo* do *Sagrado* se convertera, portanto, em uma “arma” militar utilizada conjuntamente por cristãos *moçárabes* e muçulmanos que “eram seus amigos” frente a outros muçulmanos inimigos.

O que não se pode perder de vista é que, apesar dessa “ajuda” oferecida a um dos lados muçulmanos litigantes no Marrocos, a *Santa María* acabava por agir de toda maneira

³² CSM, 329: “Como deus fez a un mouro que fillou a oferta do altar de Santa Maria que se non mudasse do lugar: ...E con quant enton roubaron foron ben aly pousar tod' en redor da eigreja, e do seu foron filar meallas d'our' e deiros que poseron no altar a onrra da Virgen santa, de que Deus quisu nacer. Ca, segund' lles deu escrito Mafomat no Alcoran, ben creen mouros sen falla, e desto dulta non an, que do Esperito Santo s' enprennou sen null' afan prender nen dan' a sa carne, e assi foi conceber Virgen (...) Onde, pero que os mouros non temam a nossa fe, tod' esto da Virgen santa ten que gran verdad' é; e porend' aly oraron u a ssa eigreja sé, e cada u do que teve foi sobr' o altar pøer.” *Cantigas de Santa María*. Biblioteca Virtual Katharsis, 2008, p.694-697. Disponível para consulta em: http://revistaliterariakatharsis.org/Alfonso_cantigas2.pdf Acesso em 18/06/2017.

³³ CSM, 185: “Como Santa Maria amparou o castelo que chaman Chincoya dos mouros que o querian filar: (...) Poder á Santa Maria grande d' os seus acorrer, en qual logar quer que sejan, e os de mal defender. E dest' oý un miragre que avo pouc' á y en Chincoya, un castelo, per quant' end' eu aprendi, que fezo Santa Maria; e aos que o oý ataes omees eran a que devemos crer (...) E leixárona dizendo: «Veremo-lo que farás.» Entonç' os combatedores tornaron todos atras; e tres mouros que entraran, chus negros que Satanas, no castelo, os de dentro os fezeron en caer Mortos de cima do muro. E diss' el rei: «Nulla prol non ei de mais combatermos, e téer-m-ia por folsse contra Maria fosse, que os seus defender sol.» E mandou tanger as tronbas e fez ssa oste mover.” *Ibidem*, p.405-408. Acesso em 18/06/2017.

contra muçulmanos, auxiliando assim, em última instância, aos interesses castelhano-leoneses na medida em que contribuía decisivamente para fustigar ainda mais o quadro de hostilidades existentes entre dignidades muçulmanas do *Magreb* e da *Andaluzia*. Construída desta maneira, a *cantiga* não “ofende” ou “macula” de maneira alguma a imagem mariana perante os súditos do Reino Castelhana-Leonês.

Queremos problematizar ainda outro ponto: uma sensível diferença existente entre a descrição deste acontecimento militar efetuada na *cantiga de guerra* em questão e na *História dos Berberes* do cronista muçulmano Ibn Jaldún.

Em sua crônica, Ibn Jaldún nos descreve que o emir do Marrocos, Umar al-Murtadã, após ser derrotado em uma série de ocasiões pelos *Benimerines*, tomou a decisão de suspender as suas operações militares a fim de se enclausurar na proteção oferecida pelas muralhas das fortificações do Marrocos. Em contrapartida, o cada vez mais motivado caudilho *andaluz* Abu Yusuf resolvera então seguir com as suas operações militares, orquestrando e operacionalizando então a prática de um *assédio* sobre o Marrocos.

O emir Umar al-Murtadã, em seu propósito de se manter sob a proteção das muralhas marroquinas, ordena então que um de seus parentes, seu primo, o príncipe Abu Dabus, passasse a organizar e a liderar as hostes que reagiriam aos *assédios* realizados por Abu Yusuf. Segundo nos conta Ibn Jaldún, o caudilho marroquino Abu Dabus:

Dispôs sua cavalaria em boa ordem, formou dois grupos em coluna e saiu da cidade para entabular batalha contra os *Merinidas*. De ambos os lados à luta foi encarniçada ao extremo, mas os *Merinidas*, tendo perdido o emir Abd-Allah, filho de seu soberano, alcunhado Atadjoub em seu idioma bárbaro, ficaram de tal modo consternados que abandonaram suas posições e empreenderam a volta a seu país (Tradução nossa).³⁴

Percebemos assim que entre o relato descrito na *cantiga de guerra* e o produzido nesta crônica muçulmana se produzem uma série de concordâncias e fundamentalmente uma crucial discordância. De maneira geral, o acontecimento militar em questão acaba por ser descrito igualmente na *cantiga de guerra* e na crônica produzida por Ibn Jaldún. Entretanto,

³⁴ “(...) Pour repousser cette attaque, El-Morteda fit choix de son cousin, le cíd Abou-l-Ola-Idris, surnommé Abou-Debbous, fils du cíd abou-Abd-Allah, fils d’Abou-Hafs, fils d’Abd-el-Moumen. Ce prince disposa sa cavalerie en bon ordre, forma ses troupes en colonne et sortit de la ville pour livrer bataille aux Mérinides. Des deux côtés, l’on se battit avec un acharnement extrême, mais les Mérinides, ayant enfin perdu l’émir Abd-Allah, fils de leur souverain et surnommé Atadjoub dans leur idiome barbare, en furent tellement consternés qu’ils abandonnèrent leurs positions et prirent la rout de leur pays.” IBN JALDUN, *Histoire des Berbères et des dynasties musulmanes de l’Afrique septentrionale*. Tradução para o francês efetuada por William MacGuckin, Tomo IV, Alger: Impr. Du Gouvernement, 1856, p.49.

vislumbramos uma notável diferença a hora de apresentar o motivo pelo qual o caudilho andaluz *Abu Yusuf* abandonaria o assédio frente ao Marrocos: se na *cantiga de guerra* foi à presença do estandarte mariano, carregado pelas milícias cristãs, que acarretou o súbito abandono do assédio, no relato do cronista muçulmano se observa que a causalidade se encontra na perturbação emocional e da moral militar das hostes provocada pela morte em combate do filho de Abu Yusuf, o emir Abd-Allah.

A construção textual e iconográfica deste episódio militar efetuada pelas *scriptorias* alfonsinas se realizou, portanto, em torno de uma possível participação decisiva de milícias cristãs neste acontecimento, a fim de edificar o cenário ideológico e político-militar ideal para que a *Virgem Armada* adentrasse com propósitos plenamente justificados e determinados na pronta resolução deste conflito militar ocorrido no Marrocos nas lides de 1261-1262.

CSM 185: COMO SANTA MARÍA DEFENDEU O CASTELO QUE CHAMAM CHINCOIA DOS MOUROS QUE QUERIAM TOMÁ-LO.

O *poeta trovador* procurou iniciar esta *cantiga de guerra*, cantando uma sentença que tornaria a repetir reiteradamente após cada uma das estrofes que a engendram: “Grande Poder tem *Santa María* para acorrer aos seus em qualquer lugar que estejam, e do mal os defender”.³⁵

Com este veredito prontamente apresentado e, *a posteriore*, incessantemente recordado, o *poeta trovador* intencionou reforçar assim o caráter incontestável e infalível do poderio mariano frente à resolução de todos os gêneros de necessidades possivelmente manifestadas por seus fiéis. Qualquer que fosse a necessidade e/ou perigo experimentado pelos cristãos, a *Santa María* estaria sempre inabalavelmente disposta e em extrema atenção para ajudá-los até nos mais distantes confins do Reino Castelhana-Leonês.

Após esta anunciação, o *poeta trovador* se lança então para a construção da síntese do milagre operado pela *Santa María* nesta ocasião. Descreve então para os ouvintes que havia

³⁵ CSM, 185: “Como Santa Maria amparou o castelo que chaman Chincoya dos mouros que o querian filar: Poder á Santa Maria grande d' os seus acorrer, en qual logar quer que sejan, e os de mal defender...” Alfonso X El Sabio (1221-1284). Cantigas de Santa María. Biblioteca Virtual Katharsis, 2008, p.405. Disponível para consulta em: http://revistaliterariakatharsis.org/Alfonso_cantigas2.pdf. Acesso em 18/06/2017.

no *Reino de Jaén*, um castelo que chamavam *Chincoia*, onde havia “um *alcaide* que o guardava muito bem. Mas que por pouco, em um dia, quase que o colocaria a perder”.³⁶

O *poeta trovador* prossegue então com a exposição do ocorrido, relatando então que os males ocorridos aos habitantes do castelo de *Chincoia* sobrevieram por conta da existência de uma indevida e temerária amizade nutria pelo *alcaide* cristão desta localidade frente ao *alcaide* muçulmano da região de *Belmez*, pertencente ao Sultanato *Nazarí* de Granada. Segundo o *poeta trovador*, portanto, o *alcaide* cristão de *Chincoia* nutria “grande amor frente a um mouro que era *alcaide* de *Belmez*. Mas o que o traidor fez? Falou com o rei de Granada e disse-lhe “Desta vez vos darei o castelo de *Chincoia* em poder”.³⁷

Todos os malefícios que seriam ocasionados aos habitantes do castelo de *Chincoia* são devidamente apresentados, desta maneira, como resultados de uma conduta político-militar e territorial extremamente negligente e inaceitável operacionalizada pelo *alcaide* cristão daquela localidade. Tal atitude desacertada trazia em seu bojo uma série de enormes riscos, em especial, precisamente a possibilidade da perda territorial deste *ponto fortificado*, cuja posse simbolizava precisamente o pleno domínio sobre os territórios que o circundavam, através da eficiente posta em prática de ardis militares por parte dos muçulmanos granadinos.

Surpreso diante desta promessa de ganho territorial efetuada pelo *alcaide* de *Belmez*, o sultão *nazarí* de Granada indagou-lhe então como conseguiria este feito. O *alcaide* respondeu-lhe então que encomendaria um encontro com o *alcaide* cristão de *Chincoia*, edificando assim, por meio de um ardil, a ocasião ideal para capturá-lo. O sultão de Granada, após ouvir ao plano, deu-lhe a sua permissão para executá-lo, porém, não se escusou de ameaçar o *alcaide* mouro de *Belmez* em caso de mentira perpetrada, advertindo-lhe que tão logo observasse um malfeito, que mandaria arrancar-lhe a cabeça que reside entre seus ombros.³⁸

³⁶ CSM, 185: “Como Santa Maria amparou o castelo que chaman Chincoya dos mouros que o querian filar: (...) E dest' oý un miragre que avo pouc' á y en Chincoya, un castelo, per quant' end' eu aprendi, que fezo Santa Maria; e aos que o oý ataes omees eran a que devemos creer. Aqueste castelo éste eno reino de Geen, e un alcaid' y avia que o guardava mui ben; mais de guarda-lo a cima lle mengou muito o sen, assi que per pouc' un dia o ouvera de perder...” Ibidem, p.405. Acesso em 18/06/2017.

³⁷ CSM, 185: “Como Santa Maria amparou o castelo que chaman Chincoya dos mouros que o querian filar: (...) Este grand' amor avia con un mouro de Belmez, que do castel' alcald' era; mas o traedor, que fez? Falou con rei de Grãada e disse-lle: «Desta vez vos darei eu o castelo de Chincoya en poder.» Ibidem, p.405. Acesso em 18/06/2017.

³⁸ CSM, 185: “Como Santa Maria amparou o castelo que chaman Chincoya dos mouros que o querian filar: (...) Diss' el: “Como? Respos-ll' ele: “Se eu vosso poder ei, mia fala cono alcaide pera un dia porrei; e estando ena fala, ben ali o prenderei, e desta maneira tenno que o podedes aver.” E diss' el rei de Grãada: «Eu por mi, u al non á, quero alá yr contigo e verei o que será; mais se me tu desto mentes, log' y al non averá, che mandarei a cabeça d' antr' os teus ambros toller...” Ibidem, p.406. Acesso em 18/06/2017.

Apesar do “grande medo que meteu no mouro”, o sultão *nazarí* de Granada recebeu como contrapartida, a promessa por parte do *alcaide* mouro de *Belmez*, de que concretizaria com eficácia o ardid planejado, de tal maneira que após se encontrar plenamente convencido de suas intenções sinceras, o sultão *nazarí* de Granada prometera-lhe então recompensá-lo devidamente após a pronta entrega daquele castelo de *Chincoia*.³⁹

O *alcaide* mouro de *Belmez* se encaminhou então as proximidades do *Reino de Jaén*, onde se encontrava o castelo de *Chincoia*. Daquela localidade fronteiriça, enviou mensageiros para o *alcaide* cristão de *Chincoia* para que aqueles pedissem a liderança cristã que fosse ao seu encontro, pois, desejava efetuar um “pacto entre cristãos e mouros”. O *alcaide* de *Chincoia*, “que não esperava que mal disto se alçasse”, resolveu aceitar o pedido efetuado, convocando apenas dois escudeiros para que formassem a sua comitiva. Todavia, estes escudeiros alertaram-lhe do enorme risco que corriam, advertindo-o do enorme medo que possuíam daquele mouro que certamente intencionava traí-los.⁴⁰

Não satisfeitos, os escudeiros convocados prosseguiram com a admoestação, expressando ao *alcaide* de *Chincoia* que aquela embaixada não deveria ser em tempo nenhum realizada, posto que aquele havia orientado que partissem desprovidos de armas em encontro ao *alcaide* mouro de *Belmez*, o qual nutria certamente o propósito de tomar-lhes o castelo de *Chincoia*. Após esta indicação, os escudeiros rapidamente correram de volta aos limites do castelo, não participando assim desta jornada que encaminharia a um encontro com o *alcaide* mouro de *Belmez*.⁴¹

Apesar destas admoestações, o *alcaide* cristão de *Chincoia* não recuou em seu propósito em virtude da extrema confiança que nutria frente ao *alcaide* mouro de *Belmez*.

³⁹ CSM, 185: “Como Santa Maria amparou o castelo que chaman Chincoya dos mouros que o querian filar: (...) Desta maneira gran medo a aquel mouro meteu el rei, e da outra parte grand' aver lle prometeu se lle dêsse o castelo; e logo con el moveu, e o mouro o alcaide de Chincoya foi veer...” Ibidem, p.406. Acesso em 18/06/2017.

⁴⁰ CSM, 185: “Como Santa Maria amparou o castelo que chaman Chincoya dos mouros que o querian filar: (...) E disse-lle que saisse con el seu preito firmar ante crischãos e mouros dos que eran no logar, que o guardasse, ca ele queria a el guardar, e sobr' esto fossen ambos sas juras grandes fazer. O alcaide de Chincoya, que non cuidava que mal desto se ll' alevantasse, foi alá logo sen al e levou dous escudeiros, que lle disseron atal: que med' avian do mouro que o queria trager...” Ibidem, p.406. Acesso em 18/06/2017.

⁴¹ CSM, 185: “Como Santa Maria amparou o castelo que chaman Chincoya dos mouros que o querian filar: “(...) Demais, non levades arma e ydes assi en cos, e com' os mouros son falssos, quiça travarán de vos; o porend' ao castelo nos queremos tornar-nos. E tornaron-sse correndo e foron-se en el meter.” Ibidem, p.406. Acesso em 18/06/2017.

Deste modo, tratou de atravessar o rio para encontrá-lo. E posto que logo chegou, “o alcaide mouro mandou prendê-lo, e disse ao rei de Granada que o cativo lhe levaria”.⁴²

O sultão *nazarí* de Granada, ao se encontrar então com aquele importante cativo cristão, ordenou-lhe que revelasse a “verdade do castelo, senão o decapitaria”. Atormentado pelo grandíssimo erro que havia cometido, o *alcaide* cristão de *Chincoia*, respondeu-lhe: “Que Deus me perdoe! No castelo há quinze homens, mas que não possuem o que comer”.⁴³

Com o advento desta informação crucial, o sultão *nazarí* de Granada rapidamente ordenou que se reunissem as suas hostes para que partissem imediatamente em direção ao castelo de *Chincoia*. Ao chegar naquela localidade castelhano-leonesa, determinou então ao alcaide cristão que pedisse aos habitantes do castelo para que evacuassem a fortificação, acaso desejassem continuar portando as suas vidas.⁴⁴

Entretanto, o alcaide recebeu “dos que estavam dentro a resposta de que não o entregariam”. Ao ser noticiado do teor daquela resposta, o sultão *nazarí* de Granada “fez toda sua gente combater o castelo”. Suas hostes começaram então o assédio ao castelo de *Chincoia*, tratando de rapidamente atacar as suas muralhas mediante uma agressiva “saraivada de flechas e pedras”.⁴⁵

Os primeiros cinquenta e cinco versos desta *cantiga de guerra* se encontram, desta maneira, destinados a apresentarem os episódios que acarretaram a emergência de uma situação de extrema calamidade político-militar para os habitantes do castelo de *Chincoia*. Ao descrever as consequências nefastas para os habitantes deste *ponto fortificado* causadas por uma conduta inaceitável levada a cabo por parte do *alcaide* cristão daquela localidade, o *poeta trovador* mais uma vez constrói um cenário aparentemente irreversível e a ponto de ser finalizado drasticamente sobre o qual a *Santa María* viria a concorrer decisivamente,

⁴² CSM, 185: “Como Santa Maria amparou o castelo que chaman Chincoya dos mouros que o querian filar: “(...) O alcaide por tod' esto sol cabeça non tornou, mas por chegar ao mouro logo o rio passou; e pois a el foi chegado, log' el prende-lo mandou, des i al rei de Grãada o fezo preso trager..” Ibidem, p.407. Acesso em 18/06/2017.

⁴³ CSM, 185: “Como Santa Maria amparou o castelo que chaman Chincoya dos mouros que o querian filar: “(...) Que estava na ciada. E disse-l' esta razon: que lle dissess' a verdade do castelo e, se non, escabeça-lo faria. Diss' el: «Se Deus me perdon, no castelo á quinz' omes, mais non ten que comer.” Ibidem, p.407. Acesso em 18/06/2017.

⁴⁴ CSM, 185: “Como Santa Maria amparou o castelo que chaman Chincoya dos mouros que o querian filar: (...) Tan tost' el rei de Grãada ssa ciada fez sair e dereit' ao castelo logo começou-sse d' ir, e mandou ao alcaide que sse o castelo pedir foss' aos que y leixara, se non queria morrer”. Ibidem, p.407. Acesso em 18/06/2017.

⁴⁵ CSM, 185: “Como Santa Maria amparou o castelo que chaman Chincoya dos mouros que o querian filar: “(...) Ele com medo de morte log' o castelo pediu, e dos que dentro estavam atal resposta oyu que per fe non llo darian. Quand' el rei aquesto viu, fez log' a toda ssa gente o castelo combater...” Ibidem, p.407. Acesso em 18/06/2017.

operando então um descomunal milagre a fim de restaurar o equilíbrio político-militar e territorial de outrora que se encontrava prestes a ser definitivamente perdido.

Após a edificação de todos estes meandros, o *poeta trovador* atinge então o segundo momento desta *cantiga de guerra*, ou seja, quando se passa então a descrever as motivações e propriamente o protagonismo mariano na resolução de todo este cenário conflitivo vivenciado pelos castelhana-leoneses de *Chincoia*. A entrada triunfante da *Virgem Armada* neste conflito militar travado entre os castelhana-leoneses do castelo de Chincoia e as hostes muçulmanas do sultão nazarí de Granada se inicia a partir do momento em que os primeiros interpelam por seu protagonismo decisivo e infalível.

A mudança radical deste cenário passa a ocorrer quando os assediados do castelo de *Chincoia* “diante de tamanho pavor, pegam a imagem da Mãe do Salvador que estava na Capela” e colocam-na nas muralhas do castelo, frontalmente e sobre as hostes muçulmanas que se encontravam sitiando a fortificação. Como parte fundamental do ritual de interpelação frente a esta personagem da *ordo* do *Sagrado*, os habitantes se posicionariam diante da imagem mariana, para pedir-lhe em oração que: “Se tu és a Mãe de Deus, defende este castelo e a nós, que somos teus, e guarda a tua capela para que os infiéis mouros não a tenham e com isso façam a tua imagem arder.”⁴⁶

Após efetuarem esta oração, deixaram-na entre as muralhas, suspirando então profeticamente a certeza que a *Virgem Armada* tão logo irromperia gloriosamente neste cenário calamitoso para ajudá-los: “Veremos o que fará”. Não tardaria então para que os resultados militares esperados fossem alcançados, posto que, logo após o alçamento da *Virgem Armada* nas muralhas e a interpelação efetuada a esta por meio da oração, se descreve que “os combatentes recuaram todos para trás, e os três mouros que entraram, tão negros como Satanás, no castelo, os de dentro fizeram cair”.⁴⁷

O impacto provocado pelo protagonismo mariano foi tão grande que causou, portanto, um imediato recuo das hostes militares do sultão *nazarí* de Granada, mediante o temor que

⁴⁶ CSM, 185: “Como Santa Maria amparou o castelo que chaman Chincoya dos mouros que o querian filar: “(...) E os que dentro jazian ouveron tan gran pavor que fillaron a omagen da Madre do Salvador que estava na capela, desi fórona pôer Ontre as amas, dizendo: «Se tu es Madre de Deus, deffend' aqeste castelo e a nos, que somos teus, e guarda a ta capela que non seja dos encreus mouros en poder, nen façan a ta omagen arder...” Ibidem, p.407. Acesso em 18/06/2017.

⁴⁷ CSM, 185: “Como Santa Maria amparou o castelo que chaman Chincoya dos mouros que o querian filar: (...) E leixárona dizendo: «Veremo-lo que farás.» Entonç' os combatedores tornaron todos atras; e tres mouros que entraran, chus negros que Satanás, no castelo, os de dentro os fezeron en caer...” Ibidem, p.408. Acesso em 18/06/2017.

aqueles nutriam diante do poderio da *Virgem Armada*. Os três ousados muçulmanos que haviam escalado as muralhas de *Chincoia* por meio de escadarias, acabaram sendo acometidos por uma morte dolorosa, ao serem derrubados do cume daquele ponto fortificado.

O que era para ser a realização triunfante de um *assédio* muçulmano a um castelo cristão, com a subsequente perda por parte dos castelhano-leoneses e obtenção daquele ponto fortificado e de suas cercanias territoriais para o sultanato nazarí de Granada, acabou se transformando rapidamente em uma fuga em massa das hostes muçulmanas sob a expressa ordem do sultão nazarí. Isto porque ao vislumbrar a presença temerosa da *Virgem Armada* entre aquelas muralhas de *Chincoia*, o sultão nazarí não pensou outra coisa senão a de imediatamente ordenar a retirada de suas hostes, pondo fim ao *assédio* efetuado.

Diante de suas hostes, o sultão proferiu a seguinte sentença a fim de justificar a mais do que providencial retirada: “Não combateremos mais, pois, ter-me-ia como tolo, se fosse contra Maria, que aos seus sabe defender”. Após esta exclamação, o sultão ordenou então que “soassem as trombetas, fazendo assim se retirar as hostes” de *Chincoia* em direção às terras granadinas.⁴⁸

Por meio destes dezesseis versos, os quais engendram quatro estrofes, que acabamos de reproduzir minuciosamente, o *poeta trovador* manifesta expressamente as motivações pelas quais a *Virgem Armada* acorreu rapidamente em defesa dos seus fiéis castelhano-leoneses do castelo de *Chincoia*. Ao trasladarem a imagem da *Mãe do Salvador* que se encontrava na Capela para as muralhas da fortificação, e, *a posteriore*, como um primordial complemento de todo o ritual de “convocação”, efetuarem uma fervorosa oração destinada ao advento de sua intervenção, os habitantes de *Chincoia* construíram assim os argumentos necessários para que a *Virgem Armada* interferisse radicalmente na alteração do *status quo* daquele cenário militar, ocorrendo assim prontamente na resolução deste conflito militar em que os castelhanos-leoneses se encontravam envolvidos.

É o momento então onde o quadro politico-militar e territorial aparentemente irreversível se transforma em um novo cenário marcado por um decisivo e infalível protagonismo mariano. Ao contrário da *cantiga de guerra* analisada anteriormente, nesta ocasião não há a necessidade de se entabular o enfrentamento em campo aberto, pois, a

⁴⁸ CSM, 185: “Como Santa Maria amparou o castelo que chaman Chincoya dos mouros que o querian filar: (...) E diss' el rei: «Nulla prol non ei de mais combatermos, e téer-m-ia por fol sse contra Maria fosse, que os seus defender sol.» E mandou tanger as tronbas e fez ssa oste mover.” Ibidem, p.408. Acesso em 18/06/2017.

Virgem Armada opera de tal maneira que o pronto estabelecimento de sua imagem nas muralhas, seguido pela efetuação de uma oração, se apresentou suficiente para que o sultão *nazarí* de Granada desista imediatamente de seus propósitos de conquista militar e anexação daqueles territórios que nutriam como *locus* de controle e organização, o castelo de *Chincoia*.

Foi precisamente por reconhecer profundamente o extraordinário poderio nutrido pela *Santa María* que o sultão *nazarí* de Granada renunciara aos seus propósitos. Não havia limites para a extensão e a aplicabilidade do poderio mariano. O infalível *manto protetor* da *Virgem Armada* protegia assim aos seus fiéis nas mais diversificadas situações, sejam elas de natureza privada, econômica, política, social, etc, e seguramente também naqueles episódios de natureza estritamente militar.

A construção textual do *poeta trovador* se faz precisamente nesse sentido. Não por acaso o mesmo coloca na boca do sultão *nazarí* de Granada, a seguinte sentença: “Não combateremos mais, pois, ter-me-ia como tolo, se fosse contra Maria, que aos seus sabe defender”. Não nos esqueçamos de que a *Virgem Armada* *sabe defender* e *Grande Poder tem para acorrer aos seus em qualquer lugar que estejam, e do mal os defender*. Nestes casos em que o protagonismo mariano se efetua em cenários militares, o manto protetor da *Santa María* se converte assim em uma sólida armadura, transpassada por uma couraça e uma cota de malha inquebrantável e imperfurável, que garantirá a infalível defesa dos seus fiéis castelhano-leoneses nos conflitos militares em que estiverem envolvidos, desde que aqueles, evidentemente, interpelem a sua decisiva participação nesses eventos.

A última estrofe desta *cantiga de guerra* apresenta então, em tons de conclusão, as consequências deste protagonismo mariano no *assedio* militar do castelo de *Chincoia*. Assim o poeta trovador conclui a *cantiga*, reforçando que:

Desta maneira, a *Santa María* guardou *Chincoia*, e por isso todos oferecem louvores por sua bondade. Porque os seus sabe a *Virgem* muito bem proteger e aqueles que vêm contra ela, faz retornarem vencidos.⁴⁹

A análise iconográfica da iluminura desta *cantiga* nos oferece seguramente uma série de informações significativas em torno desta construção da *Santa María* como um “caudilho”

⁴⁹ CSM, 185: “Como Santa Maria amparou o castelo que chaman Chincoya dos mouros que o querian filar: (...) E desta guisa Chincoya guardou a que todos dan loores por ssa bondade, ca mui gran dereit’ y an, porque os seus mui ben guarda e aos outros affan dá que contra ela ven, e faz vencudos seer.” Ibidem, p.408. Acesso em 18/06/2017.

dos castelhana-leoneses em cenários de guerra. Analisaremos agora dois quadros da iluminura da *cantiga de guerra* em questão:



Figura 3 Um quadro da Iluminura da Cantiga 185.⁵⁰

Neste quadro, reproduz-se o momento final da *cantiga de guerra* em que os castelhana-leoneses de Chincóia alçaram a imagem da *Santa María* entre os muros do Castelo e a subsequente reação provocada nas hostes muçulmanas de Granada. Percebemos então a figura mariana no centro do quadro, portando uma coroa dourada e com o menino Jesus Cristo nos braços, sendo ostentada por dois habitantes de Chincóia. Além da figura mariana, notamos também a construção imagética da queda dos dois muçulmanos que subiram ao topo do castelo de Chincóia, e, especialmente, o enorme temor provocado nas hostes muçulmanas pela presença mariana naquelas muralhas, posto que os muçulmanos foram representados nutrindo um grande amedrontamento, desviando os seus olhares assustados a figura mariana, e ensaiando um recuo de suas ações militares, escondendo-se sob a proteção de seus escudos.

⁵⁰ Extraído do site: (http://warfare2.netai.net/Cantiga/Cantigas_de_Santa_Maria-187b-4.htm)

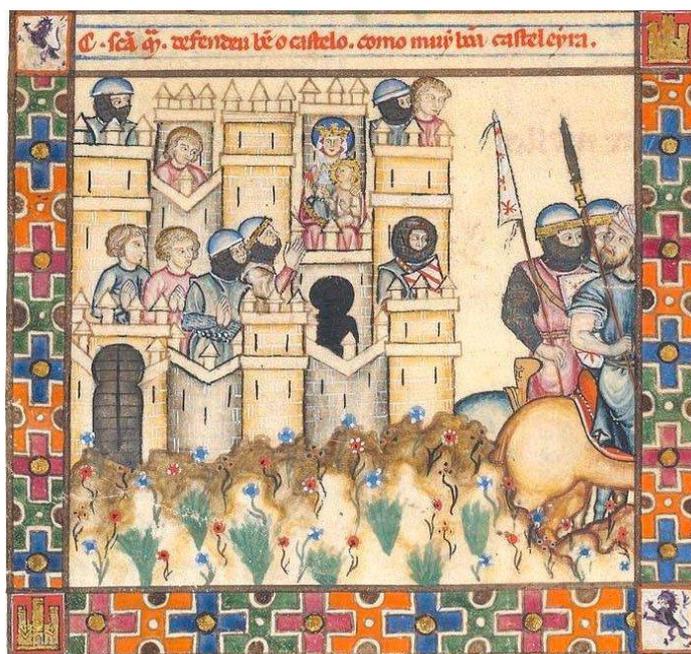


Figura 4 Penúltimo quadro da iluminura da Cantiga 185.⁵¹

Este quadro, em especial, nos apresenta uma série de questões significativas. Além de vislumbrarmos a retirada das hostes muçulmanas, e o subsequente agradecimento dos cristãos de *Chincoia*, os quais elevam seus olhares e suas mãos cruzadas, a *Santa María*, novamente no centro da cena, observamos na legenda do quadro a seguinte descrição: “Como *Santa María* defendeu o castelo como muito boa *casteleira*”.

A caracterização da *Santa María* como uma bastante eficiente *casteleira* se apresenta crucial na configuração desta como portadora também de características e atribuições militares. Ao descrevê-la como uma eficiente *casteleira*, o poeta trovador atribui a *Santa María* o pleno exercício das funções militares e territoriais que eram inerentes ao ofício do *castelão/alcaide* de um castelo.

A *Virgem Armada*, ao atuar como uma irreprochável *castelã/alcaide*, acabou por defender e proteger não somente o castelo de *Chincoia*, mas, como também os territórios circundantes que orbitavam sobre o seu eixo de poder. Na medida em que os habitantes de *Chincoia* haviam perdido a direção daquele imprudente alcaide que havia causado todos aqueles males, o protagonismo mariano adentra também para suprir este espaço *vacante*, reinserindo assim, ainda que temporariamente, o equilíbrio político-militar e administrativo

⁵¹ Extraído do site: (http://warfare2.netai.net/Cantiga/Cantigas_de_Santa_Maria-187b-5.htm)

no castelo de *Chincoia* e suas áreas circundantes, em meio aqueles conflitos militares entabulados frente ao sultanato *nazarí* de Granada.

Considerações Finais

Como destacara Fidalgo Francisco, as *Cantigas de Santa Maria*, de maneira geral, encontraram uma relativa:

Difusão no entorno cortesão, onde haviam sido muito apreciadas graças a extraordinária novidade que alcançaram em muitos aspectos – e não somente temáticos – que haviam servido de inspiração para outros tantos trovadores que se aproximaram do cancionero, sobretudo na vida, mas também depois da morte do [Alfonso X] *Sábio*.⁵²

Certamente um dos mais aclamados subgêneros destas *Cantigas de Santa Maria* foram as chamadas *cantigas de guerra*. Por meio da CSM 181 e da CSM 185, observamos como a *Santa María* fora construída textual e iconograficamente de maneira a figurar como uma espécie de *Virgem Armada*. Sua atuação descrita como permanentemente eficaz em favor dos fiéis castelhano-leoneses nesses episódios militares, responde assim aos anseios e inquietações da sociedade castelhano-leonesa da segunda metade do século XIII, em destaque, ao clima de permanente insegurança instaurado pelo cenário político-militar e territorial emergente do processo de *Reconquista*.

Esta integrante da *ordo* do *Sagrado* acaba figurando nestas *cantigas de guerra* como um instrumento estimulante às ações militares levadas a cabo pelos agentes históricos em curso, posto que apresenta aos fiéis castelhano-leoneses uma série de respostas perfeitamente eficazes e manejáveis aos perigos e os riscos encontrados cotidianamente neste cenário militar. A *Santa María* ao ser transfigurada em *Virgem Armada* satisfaz, decerto, com perfeição as necessidades por respostas instauradas particularmente por uma sociedade plenamente organizada pela e para a guerra.

⁵² “Creo que debieron de tener cierta difusión en el entorno cortesano, donde habrían sido muy apreciadas gracias a la extraordinaria novedad que supusieron en muchos aspectos – y no solo temáticos – que habrían servido de inspiración a otros tantos trovadores que se acercaron al cancionero, sobre todo en vida, pero también después de la muerte del Sabio”. FIDALGO FRANCISCO, Elvira. El público de las “Cantigas de Santa Maria”. Algunas hipótesis acerca de su difusión. **Estudis sobre pragmática de la literatura medieval / coord. por Gemma Avenoza, Meritxell Simó, Lourdes Soriano Robles**, 2017, págs.141-158, p.155.